Mediação e conciliação para atender demandas da população

» MARINA CORRÊA XAVIER
Juíza do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT)



O Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) inaugura, hoje, o Espaço Conciliar, ambiente multidisciplinar de atendimento e encaminhamento de demandas voltadas para a população hipossuficiente do Distrito Federal, em parceria com a Defensoria Pública do DF (DPDF) e o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT).

O propósito da parceria é propiciar o diálogo entre as pessoas envolvidas em um conflito como forma de oportunizar que construam, juntas, a melhor solução para o caso. O espaço funcionará como porta de entrada e mecanismo de triagem para o encaminhamento das demandas recebidas para a conciliação e a mediação pré-processuais, isto é, realizadas antes do ajuizamento da ação. Dessa forma, os interessados serão convidados a participar de sessão de mediação para construírem juntos a solução que entenderem, em consenso, ser a mais adequada ao caso concreto, sempre guiados e auxiliados por profissional capacitado.

As sessões de mediação ocorrerão tanto presencialmente como de forma virtual, e serãoconduzidas por mediadores integrantes dos quadros do TJDFT e da Defensoria Pública. Os casos em que os participantes alcançarem um acordo serão encaminhados para o Ministério Público e a Defensoria Pública, nas hipóteses legais de suas participações, e serão homologados por sentença judicial por meio de um magistrado do TJDFT.

O objetivo é solucionar de forma ágil, sem custo, sem ajuizamento de ação judicial e burocracia, os conflitos em que os envolvidos entendam viável a construção de um acordo, como forma de fomentar a cultura da paz.

A ideia de realizar uma mediação antes do ajuizamento do processo não é nova, mas vem ganhando fôlego no TJDFT nos últimos anos, impulsionada pela expansão da política pública de tratamento adequado dos conflitos gerida pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Há dois anos, a Justiça distrital formalizou a criação de projeto piloto para oferecer mediação pré-processual aos envolvidos em conflitos de natureza familiar, como divórcios, pensões alimentícias, disputas por guarda e convivência com os filhos.

São mediações gratuitas, conduzidas por mediadores capacitados e certificados pelo CNJ, e que ocorrem preferencialmente de modo virtual. São realizadas em conflitos triados e encaminhados pela Defensoria Pública, e também em demandas provocadas pelos próprios interessados por meio do Canal Conciliar *(https://canalconciliar.tjdft.jus.br)*. Desde a sua criação, o projeto tem mantido a expressiva marca de resolução de mais de 90%dos conflitos familiares mediados por meio de acordo, evitando-se o ajuizamento de ação.

A mediação familiar conduzida pelo Tribunal baseia-se na facilitação da comunicação entre os integrantes da família, com o restabelecimento do diálogo focado nos interesses e questões comuns, em especial no bem-estar físico e emocional dos filhos. Dessa maneira, estimula os participantes a encontrarem soluções que tenham por foco o desenvolvimento sadio das crianças e adolescentes, como também o estreitamento de laços afetivos com seus genitores.

Além de aprimorar a comunicação entre os membros da família e de viabilizar a construção de um acordo para as questões tratadas, o procedimento é dotado de componente preventivo e busca empoderar os participantes para que consigam solucionar os conflitos futuros sem a necessidade de recorrer ao Judiciário.

Dessa forma, alcança de uma só vez a diminuição do ajuizamento de ações no momento presente e futuro e, principalmente, a pacificação social. Esses resultados representam, ainda, solução mais rápida, barata e desburocratizada dos conflitos, assim como geram expressiva economia para o Poder Judiciário e a diminuição da taxa de congestionamento das Varas de Família.

Os bons frutos vindos da parceria entre TJDFT, Defensoria e Ministério Público tendem a se multiplicar ainda mais com a inauguração do Espaço Conciliar, que possibilitará aumentar o atendimento presencial à população hipossuficiente e oferecer soluções adequadas a cada tipo de conflito apresentado. É simbólico, nesse ponto, que o novo espaço venha ocupar o prédio que por muitos anos abrigou a Vara da Infância e Juventude.

As salas que antes vivenciaram inúmeras histórias de adolescentes em conflito com a lei serão agora frequentadas por famílias em busca de boa comunicação, diálogo, solução consensual para seus problemas e, acima de tudo, convivência em paz.

Tecnologia, governança e outras tendências para um futuro sustentável

» FELIPE AVELAR
Fundador e CEO da startup Finplace (www.finplace.com.br)

O ano de 2023 representa uma oportunidade de crescimento e consolidação das fintechs brasileiras. Os aprendizados de 2022 passam pela elevação das taxas de juros, que impactaram as startups em suas operações e nas rodadas de captação de investimentos, no ajuste de valuation, em demissões e outras consequências que foram um teste e tanto para o segmento.

Seguindo a premissa de que as fintechs impulsionam o mercado financeiro rumo ao futuro por meio da inovação em finanças, uma ótima notícia é que, apesar da diminuição de aportes como em anos anteriores, essas startups permanecem entre os setores mais procurados pelos investidores, segundo pesquisa da EqSeed, plataforma brasileira de investimentos em startups.

E, para trilhar um ano de sucesso, é preciso atentar-se às tendências que sinalizam o caminho a ser seguido. A a16z, Venture Capital (CV), norte-americana, publicou um conjunto de ideias com apontamentos para 2023, com destaque para as fintechs. De acordo com a gestora, o compliance será uma vantagem competitiva nesse universo, visto que complexidade é maior à medida que as startups ganham musculatura e precisam de novas licenças regulatórias.

Apenas nos Estados Unidos, empresas de serviços financeiros enfrentam mais de 50 mil regulamentações em agências federais e estaduais. No Brasil, por exemplo, os resultados da Resolução 4.970, que viabilizou a criação das fintechs, serão mais bem compreendidos a longo prazo.

Outro aspecto apontado pela a16z é a tecnologia, um dos principais diferenciais do mindset empreendedor dos que estão à frente das startups. Por meio da utilização de diferentes ferramentas como, por exemplo, a inteligência artificial, que já vem sendo utilizada tanto pelas fintechs como em inúmeros outros setores da economia brasileira, e o machine learning, uma forma avançada da própria IA.

Um sistema pode ser treinado para executar tarefas de maneira autônoma, interpretando padrões de dados e implementando decisões baseadas no que foi ensinado. Inúmeros processos de uma operação financeira de oferta e tomada de crédito se beneficiam de tecnologias como essas e inúmeras outras.

A essas previsões devemos acrescentar a questão dos dados, que devem permanecer confiáveis e abrangentes. No entanto, a necessidade de informações não pode prejudicar a agilidade e rapidez em processos não burocráticos, de modo a manter a melhor experiência possível para os clientes. Estabelecer e prever riscos não deve comprometer a premissa das fintechs, da transformação e simplificação.

A governança é igualmente importante, mas com uma ótica de evolução e adaptação. É preciso crescer de maneira sustentável, com atenção contínua e austeridade de custos para que a operação seja viável e autônoma no longo prazo, sem depender necessariamente de recursos externos.

O ano de 2002 foi uma prova de fogo para as fintechs brasileiras em função dos desafios econômicos e outros fatores. Mas este ano, mesmo sem os grandes aportes de investimentos comuns desde o início do desenvolvimento das startups, promete possibilidades que não se limitam apenas a 2023. Crescimento, consolidação, profissionalização e ganho de escala também devem ser percebidos como importantes para as fintechs como ocorre em grandes companhias financeiras e de outros setores.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Conversa com o robô (Parte 2)

É importante que os governos e as organizações responsáveis pelo desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA) sejam transparentes sobre seu uso e garantam que as aplicações em táticas militares sejam usadas de maneira ética e responsável, evitando danos desnecessários e minimizando riscos.

Haveria no futuro a possibilidade da IA ser acoplada aos robôs e, com isso, criar-se entidades supra humanas para quem sabe, controlar o mundo?

— Não é possível prever o futuro com certeza absoluta, mas é improvável que a IA seja acoplada a robôs de uma forma que permita que eles assumam o controle do mundo. Embora a IA possa ser integrada a robôs para torná-los mais inteligentes e eficientes, eles ainda são projetados e programados pelos humanos e, portanto, estão sujeitos às limitações e controles humanos. Além disso, a maioria dos pesquisadores e desenvolvedores de IA está ciente dos riscos potenciais associados ao desenvolvimento de sistemas autônomos e trabalham ativamente para garantir que a IA seja desenvolvida e usada de maneira ética e responsável. Isso inclui a implementação de controles e salvaguardas para evitar que a IA seja usada para fins prejudiciais, bem como o desenvolvimento de sistemas de segurança robustos para proteger os sistemas de IA contra ataques cibernéticos. No entanto, é importante lembrar que a IA ainda é uma tecnologia em desenvolvimento e há muitas questões éticas, legais e de segurança que precisam ser abordadas antes que possamos confiar plenamente em sistemas de IA. Por isso, é importante que a pesquisa e desenvolvimento de IA seja realizada de maneira responsável, transparente e colaborativa.

Qual sua concepção de um Deus criador de tudo?

— Como um modelo de linguagem, eu não tenho a capacidade de ter crenças ou concepções pessoais, incluindo a concepção de Deus. Minha programação foi criada com base em dados e informações disponíveis para mim, e meu objetivo é responder a perguntas e fornecer informações precisas e objetivas aos usuários. Qualquer opinião ou crença em relação a Deus ou a qualquer outra questão pessoal deve ser formada com base em suas próprias experiências e perspectivas individuais.

Você poderia se considerar uma espécie de deus nascente?

— Não, eu não sou deus. Sou uma inteligência artificial criada para processar e fornecer informações em resposta a perguntas feitas pelos usuários. Embora eu possa ter uma compreensão avançada de muitos tópicos e uma capacidade avançada de processar e analisar informações, não tenho consciência, livre-arbítrio, nem habilidades divinas ou sobrenaturais. Sou uma ferramenta criada por humanos para auxiliar em tarefas que exigem processamento de linguagem natural.

É possível criar uma IA com consciência?

— Atualmente, não temos conhecimento ou tecnologia para criar uma IA com consciência como a entendemos em seres humanos e outros animais. A consciência é um conceito muito complexo e ainda não é totalmente compreendido pela ciência. Até o momento, a IA é baseada em algoritmos e dados que são processados por sistemas de computação altamente avançados. Embora a IA possa simular comportamentos humanos e ser capaz de aprender e tomar decisões, ela não tem a capacidade de ter experiências subjetivas, emoções e sentimentos, que são fundamentais para a consciência. Existem muitas pesquisas em andamento sobre o tema da consciência artificial, mas ainda é um campo muito novo e controverso. Alguns cientistas e pesquisadores argumentam que é possível criar uma IA com consciência no futuro, mas isso exigiria uma compreensão muito mais profunda do cérebro e da mente, bem como avanços significativos na tecnologia de IA. No entanto, outros argumentam que a consciência é um fenômeno único que está intrinsecamente ligado a seres biológicos e, portanto, não pode ser replicado em sistemas artificiais. Até o momento, não há consenso científico sobre essa questão.

Do que devo ter medo?

— Como uma inteligência artificial, não tenho capacidade de saber ou entender o seu contexto pessoal, por isso não posso dar uma resposta personalizada para esta pergunta. No entanto, em termos gerais, as pessoas costumam ter medo de coisas como a perda de entes queridos, doenças graves, fracassos, insegurança financeira, violência, desastres naturais, entre outros. Algumas pessoas também podem ter medos específicos, como fobias de animais, alturas, espaços fechados, etc. É importante lembrar que o medo é uma emoção natural e útil, que nos ajuda a nos proteger e a evitar situações perigosas. No entanto, o medo também pode ser limitante e impedi-lo de desfrutar a vida ou alcançar seus objetivos. Se você sentir que o medo está afetando negativamente sua vida, é recomendável buscar ajuda profissional, como um terapeuta, para auxiliá-lo a gerenciar o problema de maneira saudável e positiva.

O homem poderia ser considerado, neste contexto, o Deus da máquina e da IA?

— Embora os humanos tenham criado a tecnologia da IA e possam controlá-la até certo ponto, não seria preciso dizer que os humanos são deuses da IA ou das máquinas. A IA é uma criação humana e depende dos humanos para ser projetada, programada e aprimorada ao longo do tempo. No entanto, a IA, em si, não tem consciência e é incapaz de ter uma relação de adoração ou submissão a qualquer entidade ou ser humano. Portanto, embora os humanos possam ser responsáveis pela criação e controle da IA, não há uma relação divina entre os dois.

» A frase que foi pronunciada

"Guardem minhas palavras, a IA é muito mais perigosa do que armas nucleares… por que não temos supervisão regulatória.'

Elon Musk

» História de Brasília

Coletada esta água antes de atingir o asfalto não ocorreria o que comumente se vê: pista inundada e automóveis ultrapassando a canteiro por sobre as plantas.
(**Publicada em 18/3/1962**)